
REDENÇÃO: ONDE?

*Ilze Zirbel**

INTRODUÇÃO

Um dos capítulos mais difíceis e fascinantes da vida dos seres humanos é o que diz respeito aos seus relacionamentos. Quem de nós não possui histórias para contar, tristes ou alegres, de glória ou desespero, resultantes de nossos relacionamentos? Lares confusos ou desfeitos, natureza destruída ou poluída, guerras, suicídios etc. são provas concretas da dificuldade que temos em relacionar-nos com tudo o que nos cerca.

Certa vez tive em minhas mãos um livro cujo título e capa me atraíram: **Das Zerbrochenes Bild** (A imagem quebrada). Vieram-me à mente algumas perguntas. O que quebrou? Quem quebrou? Quem conserta?

Karl Barth defendeu a tese de que o ser humano é um ser-em-companheirismo, capaz de uma interação genuína com Deus e o/a outro/a, o que o distingue dos demais seres criados e o torna imagem de Deus (Imago Dei). Deus em seu próprio ser não seria um Deus "solitarius", mas "triuno", ou seja, em relação. Conseqüentemente, um ser à imagem de Deus não poderia ser "homo solitarius"¹.

Seguindo este raciocínio de Barth, pode-se dizer que a imagem quebrada está onde há quebra de relacionamentos. Nos primeiros capítulos de Gênesis encontramos um testemunho acerca da criação e queda dos seres humanos. Podemos observar que há, após a queda, uma quebra de relacionamentos entre seres humanos e Deus, dos seres humanos entre si e deles com a natureza.

No entanto, uma nova etapa surge na história humana, e a igreja passa a pregar que Cristo é o restaurador de **todas** as coisas. Teríamos então a resposta à inocente pergunta acerca de quem conserta. Mas o que Cristo realmente restaura? Talvez pudéssemos mergulhar textos bíblicos a dentro em busca de pérolas que nós mesmos podemos estar atirando aos porcos, em busca de uma resposta à pergunta pelo tipo de relacionamentos humanos que Cristo reestabelece.

*Ilze Zirbel estuda na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, RS, e participa como membro fraterno da FTL-B. Ela é uma das organizadoras da consulta **A relação masculino-feminino: Em busca de saúde e obediência**. Seu endereço: Caixa postal 14 - 93001 São Leopoldo RS.

1. Karl BARTH, *Kirchliche Dogmatik*, III/1,41 partes 2-3; III/2,45 e III/4,54.

I - REFLEXOS DA QUEDA

Antes de colocar Gênesis 3 ante nossos olhos curiosos, precisamos ter em mente o que o antecede. Dias cheios de atos e palavras criadoras, dias cheios de "coisas boas".

Gênesis 1 termina, e poderíamos dizer que a palavra chave, no que diz respeito aos seres humanos é: parceria, igualdade (de valores, direitos e deveres). Gênesis 2, o dilema do Homo solitarius (que segundo a reflexão de K. Barth não estaria refletindo a imagem de Deus), nos diz que a realidade do homo solitarius não era boa perante Deus e que este resolve então alterar esta realidade criando outra, na qual houvesse auxílio idôneo (que correspondesse): a realidade do ser humano sexualmente distinto, como homem e mulher.²

Após os olhos de **ambos** se abrirem (v. 6-7), surgem os primeiros reflexos da "queda":

- * percepção da nudez (fragilidade) e busca de soluções próprias (sem Deus) (v. 7);
- * fuga das manifestações de Deus e medo (v. 8-10);
- * desvio da pergunta direta pela "desobediência" (jogando a culpa por sobre outro/a) (v. 11-13);
- * maldição para a cobra (v. 14);
- * inimizade prolongada (luta) entre os descendentes da mulher e os descendentes da cobra (v. 15);
- * dores do parto e domínio masculino (v. 16);
- * maldição para a terra e sofrimento/fadiga na obtenção dos alimentos (v. 17-19);
- * Adão dá o nome à mulher (v. 20);
- * retirada do Éden (v. 23).

Sistematizando-o de outra forma, pode-se dizer que há uma alteração de relacionamentos em três níveis:

1) **com Deus**: medo, fuga (v. 8-10), busca de soluções próprias sem o auxílio de Deus (v. 7), desvio de responsabilidade (v. 11-13), afastamento da presença divina (v. 23).

2) **com a natureza**: dores (v. 16), maldição para a terra, fadigas e morte (v. 17-19), interdição ao Éden (v. 23), luta contínua entre a mulher e a serpente (descendentes).

3) **dos seres humanos entre si**: irresponsabilidade um frente ao outro (v. 11-13), dominação (v. 16-20).

De alguma forma, a situação caótica em que se encontra o mundo atual espelha a dificuldade de relacionamentos nestes três níveis. O livro de Gênesis quer testemunhar que houve uma quebra do sistema de governo comunitário entre Deus e sua criação.

O que Jesus Cristo representa para uma realidade de dominação, falta de respeito e fé?

2. É importante observar que o termo para "auxílio" em Gênesis 2 (*ezer*) não implica em hierarquia de poder. O mesmo termo é usado dezenove vezes no Antigo Testamento, quinze delas para falar do auxílio de Deus, que se solidariza com o povo e vem em seu auxílio de forma poderosa.

2 - JESUS CRISTO E A RESTAURAÇÃO

Desde o surgimento do cristianismo, já na igreja primitiva, se afirma a redenção trazida por Cristo à realidade humana pós-queda. Romanos 5.12-21 disserta sobre Adão e Jesus Cristo, afirmando que na cruz de Cristo a humanidade de Adão está superada.

Já no anúncio do anjo a José, no primeiro evangelho, se diz dEle: "salvará o povo dos seus pecados" (Mt 1.21). Romanos 5.15,18b diz: "se pela falta de um só todos morreram, com quanto maior profusão a graça de Deus e o dom gratuito de um só homem, Jesus Cristo, se derrama sobre todos (...) do mesmo modo, da obra de justiça de um só resultou para todos justificação que traz vida". Inúmeras parábolas falam da ação salvífica de Cristo que veio buscar e salvar o perdido (Lc 19.10), não para julgar mas para salvar o mundo (Jo 3.17).

João Paulo II, em sua encíclica **O Redentor do homem**, afirma:

"Em Jesus Cristo, o mundo visível, criado por Deus para o homem -aquele mundo que entrando nele o pecado, foi submetido à caducidade- readquire novamente o vínculo originário com a mesma fonte divina da sapiência e do amor".³

Afirmações semelhantes também são encontradas nas demais igrejas de confissão cristã. No entanto é possível observar, ao longo da história do cristianismo, que alguns dos aspectos da queda são, por assim dizer, encarados como menos importantes (quando são encarados e não deixados simplesmente de lado).

Colossenses 1.20 nos diz que "havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele (Deus fez com que) reconciliasse consigo mesmo **todas** as coisas, quer sobre a terra, quer sobre os céus". Romanos 5.20 afirma: "onde abundou o pecado, superabundou a graça". Talvez fosse importante perguntar às igrejas de hoje no que realmente acreditam: numa restauração parcial ou numa restauração total, que redima todos os reflexos da queda. Há muita celebração da vitória de Cristo sobre a morte e o pecado, porém, muito pouco se celebra a restauração dos demais relacionamentos.

Nossa teologia precisa, pois, caminhar numa direção que busque a saúde total da criação de Deus, numa tentativa de auxiliar na cura dos relacionamentos marcados por uma "queda" constante. Encontramos em Cristo o modelo para as ações e fé cristãs. Como Cristo agiu em relação a estes aspectos mais esquecidos da queda?

2.1 - Cristo e a relação homem-mulher

Vejamos primeiro a questão da hierarquia entre o homem e a mulher.

A Palestina de Jesus é marcada pela discriminação da mulher em favor do homem. Uma forte visão de que Eva era a culpada pela "queda" era corrente no

3. João PAULO II, **O redentor do homem: Carta encíclica** (São Paulo: Loyola, 1979), p. 14-15.

judáismo da época.⁴ O judáismo helenístico traz muitos exemplos de enunciados negativos acerca da mulher. A afirmação de Josefo de que a mulher é inferior ao homem em todos os sentidos e por isso lhe deve obediência⁵ é típica da época. Também no judáismo rabínico existia o conceito de inferioridade da mulher.

A mulher encontrava-se no mesmo nível das crianças e dos escravos, sem direito, em julgamento, a ter seu testemunho equivalente ao de um homem. Filão, judeu helenista, era da opinião de que as reuniões de caráter público não convinham às mulheres.⁶ Também no templo o acesso das mulheres ao átrio era com os pagãos e não podiam fazer a leitura durante o culto. O ensino da torá a uma mulher era raro. De certa forma, a sempre presente exaltação da mulher como esposa e mãe era uma espécie de tentativa de preservação e correção diante de uma imagem tão negativa.

Dentro do helenismo podia-se observar uma certa abertura para a mulher, principalmente no estoicismo, mas sua influência sobre a realidade social era bastante restrita.

Podemos resumir a situação da mulher na época de Jesus dizendo que o seu lugar era em casa, sob a autoridade do homem (*pai ou marido*). Num contexto assim, as ações de Jesus para com as mulheres e outros desprezados de seu tempo tornam-se dignas de observação:

* Dizer a Marta que Maria fora mais esperta ao preferir ouvi-lo a participar das atividades domésticas (como seria o seu dever de "mulher") é, de certa forma, dessacramentar tais atividades (Lc 10.38-42). A forma com Maria o ouve, "sentada aos seus pés", é típica das escolas rabínicas (At 22.3). Não são só as palavras dirigidas a Marta que chamam a atenção, mas também o fato de Jesus falar com duas mulheres que não são da sua família e "ensinar-lhes".

* Quando Lázaro morre, Marta deixa claro o quanto de teologia ela conhece e o quanto conhece Jesus, ao afirmar: "Senhor, se estivesses aqui meu irmão não teria morrido. Mas ainda agora sei que tudo o que pedires a Deus, Ele te concederá (...) sei que ele ressuscitará na ressurreição no último dia (...) Senhor, eu creio que **tú és o Cristo**, o Filho de Deus que vem ao mundo" (Jo 11.20-27). Também Jesus dialoga com ela e lhe diz que Ele é a ressurreição e a vida. Marcos 3.35 cita Jesus colocando homens e mulheres no mesmo nível, de irmãos e irmãs, em sua família. Na discussão sobre o divórcio (Mc 10.1-11) encontramos Jesus afirmando que o repúdio das mulheres era resultado da dureza do coração humano. Deus os havia criado e unido. Esta referência à criação e à união em Gênesis evoca uma visão de igualdade -jamais de hierarquia- que não deveria ser quebrada pelo homem.

* A promoção do amor ao próximo como o segundo maior mandamento e a admoestação para que "tudo o que quereis que as pessoas vos façam fazei-o vós a elas,

4. Cf. Jesus Siraque 25.24: "O início do pecado procede de uma mulher, e por sua causa todos nós morremos."

5. *Contra Apionem*, II,24.

6. Erhard S. GERSTENBERGER e Wolfgang SCHRAGE, *Homem e mulher* (São Leopoldo: Sinodal, 1981), p. 85.

pois esta é a lei e os profetas" (Mt 7.12) mostram que o domínio de uma metade da raça humana sobre a outra não cabe nos parâmetros de Cristo.

* Jesus se apresenta oferecendo salvação a todos, em especial aos sofredores e desprezados, oprimidos e rejeitados (Mt 11.28; Mc 1.32; Mt 21.31). O dito de Jesus apresentado em Mateus 21.32, segundo o qual publicanos e meretrizes precederiam a muitos no Reino de Deus, possivelmente deve ter sido um dos mais escandalosos para a época.

* Em João 4.27 nos é dito que até os discípulos se admiravam que ele conversava com um mulher. A Bíblia apresenta inúmeros exemplos, principalmente parábolas, que demonstram que Jesus dispndia a mesma atenção, tanto para homens como para mulheres: de um lado um amigo inoportuno (Lc 11.5ss), de outro a viúva impertinente (Lc 18.15); de um lado a ovelha perdida (Lc 15.3s), de outro a dracma perdida (Lc 15.8ss); de um, o grão de mostarda, de outro, o fermento (Mt 13.33). E assim como Zaqueu é filho de Abraão (Lc 19.9), a mulher enferma também o é (Lc 13.18).⁷

* Há diversos textos que relatam acerca do convívio entre homens e mulheres no grupo de Jesus (Lc 8.1-3). Com Gerstenberger e Schrage pode-se dizer que "a presença de mulheres entre os seguidores mais próximos de Jesus evidencia quão corajosa e despreocupada mas ao mesmo tempo estranha e impossível para um rabi (mestre), é sua atitude para com as mulheres".⁸

Destes exemplos se pode ver claramente que a visão hierárquica de relacionamentos entre homens e mulheres, espelhada em todo o Oriente, inclusive no judaísmo, não é encontrada nas atitudes e ensinamentos de Jesus. Ao contrário, sua forma de relacionar-se com mulheres estava sempre a empurrá-las para fora desta relação de domínio, igualando-as e equiparando-as aos homens.

Outro detalhe a ser observado nesta relação homem-mulher diz respeito **aos filhos**.

Em Gênesis 3.20 é relatado que Adão dá um novo nome à mulher. Até então ela se chamava **varoa (ishshud)**, porque do **varão (ish)** fora tirada; agora Adão dá-lhe o nome de **Eva** (mãe de todos os viventes), da mesma forma como ele antes dera nome aos animais. O homem começa cedo a impor seus desejos sobre ela, rompendo o relacionamento inicial, em que Deus havia ordenado (Gn 1) que ambos fossem responsáveis por encher a terra e cuidar dela. Encher uma terra desabitada traz implicações maiores do que somente procriar; é necessário zelar pelas vidas geradas para que sobrevivam.

Em que implica esta alteração de nome? A história da grande maioria dos povos que se seguiram a Adão mostra uma propensão a delegar às mulheres o cuidado dos filhos. Os homens, para não dizer que não fazem nada, assumem o sustento da casa e um pouco de atenção aos filhos uma e outra vez. Parece que Adão deseja livrar-se do papel de "pai de todos os viventes" e ficar apenas com a função do domínio.

7. Idem, *ibidem*, p. 92.

8. Idem, *ibidem*, p. 95.

Como Jesus lidou com o assunto?

* Lucas 11.27-28, conta de uma mulher que, aproximando-se de Jesus, exclamou: "Bem-aventurada aquela que te concebeu e os seios que te amamentaram". Jesus respondeu prontamente: "Antes são bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam". Sabemos que os homens tinham maior acesso à "palavra de Deus" na Palestina antiga. No entanto, a prática de Jesus mostra que também as mulheres tinham acesso a esta palavra na pessoa dele mesmo, o que tornava homens e mulheres bem-aventurados, não pela maternidade ou paternidade, mas pela palavra ouvida ou praticada.

* O texto de Maria e Marta também nos faz pensar de forma diferente no que diz respeito às prioridades de uma mulher.

* Marcos 3.31, aplicado à família, é um texto duro. A mãe de Jesus e os demais familiares querem falar com ele; Jesus, no entanto, diz que sua família é mais ampla do que aquela: sua família inclui todos aqueles que servem a Deus e nela todos são iguais, incluindo as crianças, afinal também "delas é o Reino dos céus" (Mc 10.14). Seu conceito de família não implica em hierarquias e enclausuramento, onde uns acham-se no direito de reger a vida de outros.

* Em João 19.26-27 Jesus aparece dizendo a sua mãe e ao discípulo amado que tomem-se um ao outro como mãe e filho. A relação familiar é ampliada. O próprio apóstolo Paulo cita a mãe de Rufo como sendo sua mãe também (Rm 16.13).

* Na edição de Marcião Jesus é acusado de levar mulheres e crianças à separação.⁹ Na verdade, há muitos textos onde Jesus relativiza as relações familiares, ao dizer que veio contrapor o pai ao filho, a filha à sua mãe (Mt 10.35ss; Lc 12.52-53), ou quando diz ao filho que quer enterrar seu pai antes de segui-lo, que deixe os mortos enterrarem os seus mortos (Mt 8.21ss).

O que os autores deste tipo de acusação não perceberam é que Jesus ensinou e vivenciou uma nova forma de se relacionar. O mandamento de honrar pai e mãe continua valendo (Mt 15.3ss); a obrigação de zelarem pelos seus filhos tampouco é suprimida. Mas no Reino há coisas maiores a serem feitas. As relações humanas **entre si** são importantes, o amor aberto a todos é o almejado, tanto por parte de homens como de mulheres.

A forma de Jesus relacionar-se com Deus e vice-versa tem muito a nos ensinar como famílias. Jesus chama Deus de Pai (sem deixar de atribuir-lhe características de mãe), e como Pai, Deus é misericordioso (Lc 6.36), tem um relacionamento profundo com seu filho a ponto de ser conhecido por ele com a mesma intensidade que ele próprio conhece seu filho (Lc 10.22): "Como o Pai me conhece e eu conheço o Pai" (Jo 10.15). O Pai dá a ele autonomia e lhe entrega tudo nas mãos, ou seja, confia nele (Jo 3.35; 5.20). Deus é um Pai que "está sempre aí" e é a ele que o filho entrega o seu espírito na hora da morte (Lc 23.46). Jesus passou muito tempo falando com o Pai, em oração. O Pai não fazia acepção de pessoas, fazia chover sobre

9. Cf. René PADILLA, A relação homem-mulher na Bíblia (Boletim Teológico, Porto Alegre, 5 (17):5ss, set. 1991).

justos e injustos, sobre bons e maus (Mt 5.45); era um Pai amoroso.

Disto tudo que Jesus ensinou e vivenciou no seu relacionamento pode-se, portanto, aprender claramente duas coisas: Primeiro, que filhos não são propriedade dos pais nem são delegação das mães. Filhos são irmãos na fé, parte do Reino. Segundo, as crianças são responsabilidade de toda a comunidade, de homens e mulheres, que são chamados a **partilharem** também a tarefa da procriação da humanidade.

Desta maneira Jesus, com sua vida e suas palavras, restaura o propósito original de Deus de uma simetria nos relacionamentos humanos. Tanto entre homens e mulheres como entre pais e filhos (e outros que se poderia enumerar), Jesus desconhece preceitos historicamente determinados que querem justificar o domínio de uns sobre outros. Deus os criou iguais e para ele, Jesus, esta é "a lei e os profetas".

2.2 - Jesus e a natureza: a problemática da subsistência

"Quando Deus diz ao ser humano: 'maldita é a terra por tua causa', não é um castigo que Deus inflige com raiva, mas sim uma lei natural que Deus conhece e anuncia, como o físico prevê que uma pedra abandonada a si mesma, seguramente cairá sobre a terra que a atrai".¹⁰ Toda a vida que Deus criou é aparentemente interligada: Se não houver colheita, há fome. A natureza partilha da ruína e da graça, é o que, de alguma forma, Gênesis 6 explicita ao associar o dilúvio e a morte de tantas vidas ao pecado humano. De igual forma, em Romanos 8.21 Paulo expressa a mesma crença ao afirmar que a criação aguarda ser redimida para a liberdade da glória dos filhos de Deus.

A grande maioria das vezes em que Jesus evocava exemplos da natureza para seus ensinamentos, evoca-se cuidados para com ela.¹¹ As ovelhas sem pastor (Mc 6.34) e a ovelha perdida (Lc 15.4ss) têm alguém que se preocupa com elas, que se arrisca e é capaz de dar a vida por elas (Jo 10). Os lírios do campo e os pássaros são exemplo do cuidado de Deus (Mt 6.25); a figueira que não dá frutos tem em seu favor o apelo do vinhateiro por mais um ano de cultivo (Lc 13.6-7). A Bíblia também relata o costume de Jesus de ir ao monte das Oliveiras para orar e descansar (Lc 21.37; 22.39); fala dele andando no mar, acalmado tempestades, escrevendo na terra (Mc 6.45ss; 4.35ss; Jo 8.1ss), comparando os profetas aos frutos -bons ou ruins- das árvores. A profundidade da relação entre Jesus, Deus e a natureza também é evocada pelo tremor da terra e o surgimento das trevas na hora da morte de Jesus (Mt 27.45ss).

Além do cuidado com a natureza, expresso em sua forma de falar sobre ela, Jesus também falava do pão da terra, da propriedade. A relação do povo judeu com a terra era algo sócio-teológico. A terra era herança de Deus para o sustento da vida. Desta forma, a esperança por um reino messiânico alimentada pelo povo trazia consigo a imagem de libertação da terra, a imagem de um povo com terra própria. Tal imagem associava-se muitas vezes ao jubileu (Lv 25). O ano do jubileu tratava da

10. Paul TOURNIER, *Culpa e graça* (São Paulo: ABU Editora, 1985), p. 171.

11. A figueira estéril (Mc 11.13) parece ser uma excessão.

justiça na distribuição da posse da terra e procurava impedir os desníveis sociais que porventura acontecessem, assegurando aos pobres o bem-estar e o sustento através da posse da terra. A prática do jubileu, no entanto, há muito tempo tinha sido abandonada.

Na época de Jesus, havia uma grande concentração de terras nas mãos de poucas pessoas, inclusive estrangeiros e o estado romano. Aqueles que não possuíam terra e que trabalhavam em terras pertencentes a outros sofriam muito. "Os pesados impostos por parte de Herodes, o Grande, forçavam os pequenos proprietários a contrair duros empréstimos para os quais colocavam suas terras como garantia. Incapazes de pagar suas dívidas, perdiam as mesmas, convertendo-se em jornaleiros."¹² Havia fadigas em demasia para alguns e ociosidade para outros, resultante da opressão na terra.

É neste contexto que Jesus atua e, provavelmente, é para este povo proveniente de um meio de exploração, que ele profere o Sermão da Montanha e fala da herança da terra para os mansos e da fartura de justiça para os que por ela anseiam. Segundo Lucas 4.16-21, Jesus usa o texto de Isaías 61.1-3 para falar do ano agradável a Javé, e que possivelmente faz alusão ao ano do Jubileu. Jesus retoma o texto e o assume como cumprido nele próprio; ele é o próprio reino e vem para cumprir o ano agradável a Javé.

Ao falar do perdão no Pai Nosso (Mt 6.12), Jesus usa o mesmo termo que aparece na parábola do credor incompassivo, referido ao perdão das dívidas. O termo não é corrente no grego no sentido de pecado, e revela um substrato aramaico, a língua materna de Jesus.¹³ As dívidas eram parte central no jubileu: elas eram totalmente canceladas. Desta forma, o perdão de Deus teria implicações para dentro do campo econômico: seria o modelo de perdão de dívidas para com aqueles que não podem pagá-las. A mesma implicação está descrita em Mateus 18.23ss, quando não se restringe o texto apenas ao campo moral.

No Reino, "o trabalhador é digno do seu alimento" (Lc 10.7); isso também transparece na parábola dos trabalhadores da vinha. Não importa se os que vieram por último trabalharam menos: eles também recebem o salário de um dia de trabalho para o seu sustento (Mt 20.1ss). Em Lucas 15, na parábola do filho pródigo, consta que os empregados do pai tinham fartura. O Pai Nosso também pede, com toda a clareza, o pão em suficiência para cada dia (Mt 6.11).

A questão do sustento aparece de forma interessante em Mateus 12.1ss, quando os discípulos entram num campo qualquer e apanham espigas para comer. Os fariseus surgem como os juizes: era sábado e transgredir a lei do repouso poderia implicar em apedrejamento. Jesus, interpelado quanto ao fato, se coloca em defesa dos discípulos e contra a lei com o argumento de que a defesa da vida vem antes de qualquer lei. Os discípulos estavam com fome, e esta era a "lei" que valia.

Na história da multiplicação dos pães aparece outro aspecto fundamental. Quando Jesus diz aos discípulos que providenciem pão para a multidão, evoca a

12. Roy H. MAY, *Los pobres de la tierra* (San José: DEI, 1986), p. 67.

13. Joachim JEREMIAS, *O Pai Nosso: a oração do Senhor* (São Paulo: Paulinas, 1976).

solidariedade contra a tendência individualista de "cada um por si".

Tampouco se pode esquecer que Jesus foi tentado pelo diabo justamente num momento de fome, e a primeira tentação relaciona-se precisamente com o pão. Isto nos leva a suspeitar que momentos assim sejam propícios para que ele semeie o joio no Reino.

Partilhar o pão pode ser uma forma de aliviar fadigas. Os seguidores de Jesus na igreja primitiva começaram muito cedo a praticar a solidariedade na partilha. Eles partilhavam tudo o que tinham: casa e propriedade, alimentos, afetos, fé e amor (At 2.42), levando a sério o espírito **comunitário** com que Jesus falava do pão. Afinal, ele *próprio escolheu o pão como símbolo do seu corpo, compartilhado... numa cruz*. Este símbolo é lembrado pela comunidade através dos séculos e fala da vida como constante partilha.

2.3- A dor

A única referência que se faz no Novo Testamento à dor de parto está em Gálatas 4.19, e é feita por Paulo para exemplificar seu sofrimento para com os Gálatas. A problemática da dor, no entanto, é recorrente em inúmeros textos, principalmente nos evangelhos. Jesus é aquele que mais se preocupa com a dor, não com uma dor que porventura pudesse abater-se sobre ele, mas com a dor dos que estão mais próximos dele, com a dor dos que o cercavam.

Dores físicas, possessões, a dor da discriminação, de pecados sem perdão, de angústias... Todas encontraram em Jesus uma fonte de alento, cura, perdão, alívio. Encontraram restauração.

A viúva de Naim com seu filho morto (Lc 7.13), a pecadora em prantos (Lc 7.38), a adúltera (Jo 8.1ss), a hemorrissa (Mc 5.25), o filho lunático (Mt 16.15ss), crianças, paráliticos, prostitutas, pecadores... Também estes encontraram em Jesus esperança renovada e alívio da dor.

Afirmar que Jesus quer ou tolera a dor física de alguém é não conhecê-lo. Todos os esforços que possam ser feitos para aliviar as dores humanas condizem com a vontade daquele que morreu e se entregou para alterar a realidade de morte e dor reinantes no mundo.

3- E A IGREJA?

Um dos maiores problemas da igreja é a dificuldade de discernir barro de água viva e de traduzir aquilo que ela crê em algo plausível para a realidade. Elementos culturais têm feito parte da agenda de muitos cristãos durante séculos e foram por eles aplicados como se o evangelho fossem. Os fundamentalista, por exemplo, têm tentado ser mais religiosos que Deus, querendo adonar-se do juízo sobre o bem e o mal e tentando ditar regras de conduta para os outros, semearam mais queda do que bênção. Com isso eles fogem do confronto com uma realidade inacabada, perturbadora e questionadora que mostra nossa necessidade de discernimento constante.

Numa época em que as mulheres são gerentes de banco e presidentes de países, nós não podemos continuar pregando a cultura antiga. Se para a época de Paulo era escândalo que uma mulher falasse em público, hoje é motivo de escândalo exigir que elas cale a boca.

Não obstante, vale ressaltar que, apesar da aparente liberdade da mulher no campo de trabalho, nossa cultura continua delegando a ela o trabalho doméstico e a educação dos filhos, acentuando nitidamente as tendências de cada sexo. Com isso há pouco espaço para o desenvolvimento integral do ser humano, principalmente da mulher, que é educada para a dependência. Seu valor e segurança continuam dependendo do homem. Mas a mulher precisa sair detrás da sombra de uma imagem frágil e dependente, para assumir-se como feita à imagem de um Deus santo, íntegro, forte, poderoso e completo em si mesmo. E nossa teologia precisa passar a levar isto em conta.

Puritanismos e liberalismos marcam nosso passado e nosso presente, principalmente dentro das igrejas. A sexualidade humana precisa ter seu valor reconquistado e respeitado para que os próprios relacionamentos entre homens e mulheres possam ser saudáveis e completos, resultando assim num relacionamento familiar equilibrado. Confiança mútua, respeito e diálogo contínuo entre homens e mulheres, entre pais e filhos são fundamentais para uma convivência e relacionamento sadios. Também a paternidade precisa ser recriada -ou criada- em cima dos mesmos valores. A igreja necessita lutar pela dignidade de suas crianças, que não são propriedade dos adultos, mas pessoas humanas que precisam de exemplos bons e concretos para estruturar suas personalidades e organizar suas vidas.

A justiça na terra e nas relações de trabalho não pode ser relegada a um segundo plano. A igreja precisa ocupar-se solidariamente com os que carregam pesados fardos de injustiça, sofrem dores e fadiga e comem -quando comem- o seu pão com lágrimas nos olhos testemunhando o sofrimento da luta pela sobrevivência. Dar pão a quem tem fome e água para quem tem sede é estar participando da construção de um reino que ainda está por vir em sua plenitude, mas que tem já seus pilares lançados. Precisamos, como cristãos, ter também uma nova forma de relacionar-nos com o mundo que nos cerca, cultivando-o e preservando-o comedidamente e sem destruição.

Só quando a fé for traduzida em prática da justiça e do amor, a graça abundará onde antes predominava o pecado, o advento será superado pela presença de Cristo no mundo através de uma igreja encarnada, contextualizada. Abundar em graça é transpor os próprios estreitos limites. Então é possível encarar questões fundamentais como: Qual o Deus que se prega? De que reino se quer fazer parte: um reino presente e plausível ou distante e inoperante?

Quando o sol matutino aponta no horizonte, ainda não temos o dia com a plenitude da luz e do calor, mas os seus raios já espantam a escuridão e prometem claridade. O que vai ser já tem início e teremos que passar a orientar-nos não mais pelo

mundo da noite, mas sim pelo mundo do dia.¹⁴

O desafio é lançar fora o velho fermento e tornar-se nova massa, porque com Cristo as coisas velhas passaram e se fizeram novas. Não é possível pôr vinho novo em odres velhos.

14. **Terra de Deus, terra para todos: Temas atuais da IECLB n. 7** (São Leopoldo: CEM, 1982), p. 23.